

Apresentação

Fraya Frehse

Num capítulo recente, intitulado, em tradução livre para o português, “Trazendo o espaço de volta para dentro: sobre a relevância do espaço como categoria sociológica”, o sociólogo alemão Markus Schroer argumenta que na disciplina o espaço raramente foi assumido *explicitamente* como “tema”, sendo possível atestar sobretudo um “uso *implícito* de categorias espaciais” (Schroer, 2008, p. 131). A constatação nutre-se de uma reconstituição histórica ampla de como a sociologia europeia tem abordado a categoria de espaço desde os seus primórdios, com destaque para Émile Durkheim, Georg Simmel, Pierre Bourdieu, Anthony Giddens e Niklas Luhmann, sem falar em Henri Lefebvre, Maurice Halbwachs e alguns autores alemães mais contemporâneos – Dieter Läßle, Rudolf Stichweh, Helmuth Berking e Martina Löw, que comparece neste Dossiê¹. Se na história da disciplina não faltariam conceituações de espaço, na maior parte das vezes este teria sido pressuposto como evidente, de modo a dispensar qualquer aprofundamento mais detido (cf. *Idem*, p. 132). Já no contexto atual da globalização, a “diversificação das referências espaciais” – ou seja, a proliferação de espaços e lugares alternativos para atividades variadas – incentivaria de modo ímpar a sociologia a refletir de maneira abrangente acerca do espaço (cf. *Idem*, p. 144). Afinal, a globalização diria respeito essencialmente a “formas espaciais de organização das relações sociais” (Berking, 2006, p. 19, *apud* Schroer, 2008, p. 145).

1. Cf. a respeito, respectivamente, Schroer (2006, 2008); em particular sobre Halbwachs, cf. também Schroer (2009).

2. Para sínteses de conjunto, cf. em especial Sturm (2000), Löw (2001) e Schroer (2006).

Muito própria de uma tradição sociológica que desde a década de 1990 vem se preocupando mais e mais com a problemática da interferência do espaço nas relações e práticas sociais², o equacionamento sintético de Schroer fornece um pretexto apropriado para introduzir o objetivo deste Dossiê. Constatar o vigor do debate em língua alemã quando há anos se acompanha a produção das ciências sociais sobre a vida social e cultural nas grandes cidades brasileiras – que, afinal, são espaços definidos – instiga à pergunta: como o cenário acadêmico nacional recente tem se posicionado ante essa tendência investigativa de atenção explícita à categoria de espaço?

A questão não visa submeter o debate brasileiro à agenda de outro cenário acadêmico nacional, no caso, o da sociologia de língua alemã. De fato, a tendência de problematizar explicitamente o espaço integra um movimento intelectual internacionalmente mais amplo, no âmbito do qual a proposta de certa geografia pós-moderna anglo-saxônica em prol do *spatial turn* (cf. Soja, 1989, 1996) – a chamada virada espacial – tornou-se lema (não raro, assumido de modo acrítico como tendência autoevidente) para reflexões conceituais sobre o espaço em campos disciplinares que vão da geografia à história, passando pelas ciências sociais (cf. Döring e Thielmann, 2008). Nesse contexto, revisões bibliográficas do uso de categorias espaciais passam a proliferar também em outras áreas do conhecimento: a comunicação social, a filosofia, a teologia, a arqueologia, a arte, a literatura, o direito, a psicologia, para não falar das ciências exatas e biológicas³.

3. Cf. a respeito, entre outros, Köster (2002), Dünne e Günzel (2006), Günzel (2007, 2009, 2010).

Ora, se a tendência investigativa é internacionalmente mais abrangente, nestes tempos de internacionalização crescente do próprio debate científico, ganha sentido refletir sobre como as ciências sociais brasileiras têm operado em termos conceituais, quando assumem o espaço como objeto explícito de conhecimento. Sabendo que escaparia aos limites de um Dossiê como este esgotar a questão, o objetivo aqui é mais singelo: incentivar o leitor de *Tempo Social* a refletir sobre as especificidades conceituais da discussão nacional atual.

4. Cf. Marques (2005), Telles (2006) e Frehse e Leite (2010).

São poucas, até o momento, as revisões bibliográficas sobre o modo pelo qual a sociologia, a antropologia e a ciência política produzidas em instituições de pesquisa do país vêm abordando conceitualmente o espaço ao longo das últimas décadas. Mais comum é que a problemática seja sutilmente tangenciada em avaliações de conjunto da produção recente das ciências sociais sobre o fenômeno urbano no país⁴. Nem por isso, contudo, abordagens explícitas do espaço estão ausentes do debate nacional. É, de um lado, nos estudos urbanos que se vêm multiplicando as problematiza-

ções, entremeadas com estudos empíricos no intuito de situar perspectivas teórico-metodológicas definidas no cenário acadêmico mais abrangente⁵. De outro lado, investigações sobre o chamado pensamento social brasileiro têm se dedicado com vagar crescente a refletir sobre o rendimento teórico atual das categorias espaciais mobilizadas por intérpretes mais ou menos “clássicos” da realidade social do país⁶.

Reconhecendo, por tudo isso, que nos dias de hoje as ciências sociais brasileiras são marcadas por escolhas teóricas bem definidas, quando o assunto é espaço, e que tais opções têm implicações metodológicas também precisas, este Dossiê pretende instigar o leitor a ponderar sobre ao menos algumas de tais especificidades conceituais. Penso em características dessas reflexões passíveis de serem discernidas como “particulares”, quando colocadas lado a lado com aquelas forjadas em tradições investigativas de outros contextos nacionais. Nesse tipo definido de “encontro”, mais ou menos tenso, é um tipo de relação específica, a “diferença”, que vem à tona (cf. Lefebvre, 1970, p. 65).

Para tanto, nada como um encontro peculiar. O contraponto revelador das especificidades em questão é a síntese que a socióloga alemã Martina Löw elaborou especialmente para este Dossiê acerca de sua própria teoria da “duplicidade do espaço”, publicada no formato de livro há pouco mais de dez anos (cf. Löw, 2001). Inspirado na teoria giddensiana da estruturação, explorada de modo criativo com o auxílio das noções de “atividade de síntese” e de “ato de espacializar”, o aporte da autora causou impacto profundo na sociologia alemã (em especial, a da cidade), pelo modo original como equaciona em termos conceituais a “velha” questão sociológica dos fundamentos sociais do espaço. Este se “constituiria” na interação entre ação e “estruturas”, o que coloca em segundo plano a já conceitualmente consolidada problemática da “produção” do espaço.

Passível de ser assumida, portanto, como exemplar do que significa, nas ciências sociais alemãs dos dias de hoje, atentar explicitamente ao espaço, a abordagem de Löw “encontra”, neste Dossiê, outras três contribuições exemplares. Só que agora são alguns dos rumos atuais preponderantes do debate brasileiro sobre o espaço como objeto de conhecimento que se insinuam mais ou menos abertamente nas reflexões de Roberto DaMatta, de Lúcio Kowarick e de João Marcelo Ehlert Maia. Cada autor assume uma perspectiva disciplinar própria: uma antropologia social fortemente marcada por certa sociologia (DaMatta), uma ciência política de significativo viés sociológico (Kowarick), certa sociologia do pensamento social brasileiro

5. Cf., por exemplo, Kowarick (2000, 2009), Caldeira (2000), Leite (2004), Marques e Torres (2005), Telles e Cabanes (2006), Birman (2008), Cavalcanti (2009, 2010), Frehse (2011, 2012, 2013, no prelo), Patriota de Moura (2010, 2012), Marques (2010), Telles (2010), Kowarick e Marques (2011).

6. Cf., entre outros, Lima (1999), Maia (2008), Hochman (2012) e Maia e Lima (2013).

(Maia). Possuem, assim, modos diversos de inserção na discussão brasileira contemporânea. Mas nem por isso deixam de dialogar, em suas trajetórias investigativas, de maneiras igualmente relevantes com aquelas que, como sinalizei anteriormente, enxergo como as duas principais tendências conceituais de nosso cenário acadêmico atual, quando o espaço é objeto explícito de enfrentamento conceitual.

É inegável o papel precursor de DaMatta, que entre as décadas de 1970 e 1980 desenvolveu uma teorização até então inédita, nas paragens brasileiras, sobre os espaços da casa, da rua e do “outro mundo” como “categorias sociológicas” de caráter eminentemente representacional (cf. DaMatta, [1979]* 1997a, [1985] 1997b). Até então, o comum fora abordar tais espaços como cenários empíricos de estudo ou, se muito – como em Gilberto Freyre –, como espaços simultaneamente físicos e simbólicos.

Porém, além de pioneira, a abordagem de DaMatta caracteriza-se por seu alcance acadêmico: tem sido bastante influente nos estudos urbanos nacionais – sobretudo de viés antropológico, mas também sociológico e histórico⁷. Como o autor não se restringe a refletir conceitualmente sobre a categoria de espaço, mas a mobiliza para desenvolver uma interpretação muito própria do Brasil, a perspectiva conta, hoje em dia, com a curiosa característica de comparecer também nas discussões sobre o pensamento social brasileiro⁸. Inserindo-se, pois, em ambas vertentes brasileiras contemporâneas de atenção explícita ao espaço, a perspectiva de DaMatta acaba por aguçar, no encontro com Löw aqui proporcionado, o seu potencial evocativo de especificidades conceituais nacionais.

Já as trajetórias investigativas dos outros dois autores brasileiros aqui presentes têm um caráter menos liminar, menos próprio do espaço investigativo peculiar que se estabelece na fronteira entre os estudos urbanos e aqueles do pensamento social no país. Pioneiro no acompanhamento investigativo sistemático da lógica socioespacial que marcaria a expansão urbana brasileira ao longo do século XX, Kowarick tem contribuído de forma ímpar para a consolidação institucional da chamada sociologia urbana entre nós (cf. Kowarick, 1979, 1987, 2000, 2009). O fato de o autor, ao longo dessa trajetória, ter se detido empiricamente em espaços definidos da metrópole paulistana – a periferia, a favela, o cortiço – permite discernir, no encontro com os outros cientistas sociais deste Dossiê, um modo inconfundível de conceber o espaço. É a inspiração castellsiana explicitada pela primeira vez há trinta anos (cf. Kowarick, 1979) – o espaço como expressão da estrutura social (Castells, [1972] 2000) – que emana dos cortiços que constituem o

* A data entre colchetes refere-se à edição original da obra.

7. Para uma revisão bibliográfica a respeito do modo como em particular a rua comparece na história das ciências sociais nacionais, cf. Frehse (no prelo).

8. Cf., por exemplo, Maia e Lima (2013).

cenário empírico privilegiado para uma reflexão notadamente sobre os limites e potencialidades dos movimentos sociais urbanos nos tempos que correm.

Enfim, quando a vertente investigativa é o pensamento social brasileiro, aí o caráter exemplar se reveste de outra roupagem. Já há alguns anos é a “imagem espacial” da terra que vem sendo o objeto de atenção explícita de Maia (2008, 2012), o que se traduz em uma perspectiva conceitual que alia de modo peculiar certa filosofia francesa das formas simbólicas às heterotopias foucaultianas, vindo assim para o primeiro plano da interpretação o espaço como “metáfora” e “agente potencializador”. Pontilhando com vigor as discussões acadêmicas recentes sobre o pensamento brasileiro no país⁹, a conceituação de Maia contribui de modo significativo em particular para o encontro que este Dossiê promove: em diálogo explícito com o *spatial turn*, tal como Löw, Maia enfatiza a dimensão simbólica do espaço, algo que permeia também a reflexão de DaMatta, mas de outro modo; para não falar de Kowarick, cujos cortiços são lugares tão diversos, dependendo de quem deles fala.

9. Cf., entre outros, Hochmann (2012) e Maia e Lima (2013).

Marcados por trajetórias de pesquisa absolutamente variadas, mas que se “encontram” de maneira plural e insuspeitada quando a atenção se volta explicitamente ao espaço, os quatro autores foram convidados a refletir, aqui, justamente sobre como os seus percursos nas ciências sociais se relacionam com tal problemática. Como não poderia deixar de ser, as respostas são bastante distintas: mais teóricas ou mais empíricas, mais ou menos preocupadas em oferecer modelos explicativos de amplo alcance sobre a dimensão espacial das relações e práticas sociais.

Se, em face de tal diversidade, caberá ao leitor tirar as suas próprias conclusões acerca do intuito que anima este Dossiê – as especificidades do debate nacional –, não há como encerrar esta apresentação sem antes apontar brevemente, a título de sugestão de balizas de leitura, algumas particularidades que a “diferença” aqui potencializada deixa entrever. Penso, em primeiro lugar, na importância conceitual de concepções de natureza simbólica acerca do espaço: o espaço como representação. Mas chama a atenção também a relevância da dimensão física do espaço: este como referência justamente de *onde* a vida social transcorre, o que vai ao encontro de uma concepção que Löw, em especial, critica como sendo predominante na história do pensamento sociológico a respeito do espaço. Em terceiro lugar, ressalte-se o papel epistemológico definido que a teoria ocupa nos autores brasileiros, na contraposição à contribuição alemã. Aquilo que Florestan Fernandes (1959, p. 32) sintetizou como “conhecimento generalizador” aqui aparece claramente comprometido com a compreensão da empiria brasileira. Por

fim, as conceituações em questão se nutrem da interlocução com tradições teóricas singulares, sobretudo francófonas.

Marcados por tais possibilidades interpretativas, os espaços aqui justapostos acabam por se prestar também a algo que os transcende: outros tantos espaços. E isso não somente pelo que evidenciam, ao serem, neste Dossiê, objetos mais ou menos explícitos de reflexão. Porém talvez, sobretudo, pelo que ocultam: concepções outras de espaço produzidas pelas ciências sociais ao longo de sua história. Mas isso é assunto para outros autores, outro tempo, outro espaço.

Referências Bibliográficas

- BERKING, Helmuth. (2006), “Wenn New York nicht Wanne-Eickel ist... Über Städte als Wissensobjekt der Soziologie”. In: _____ & LÖW, Martina. (orgs.). *Die Wirklichkeit der Städte*. Baden-Baden, Nomos, pp. 9-12.
- BIRMAN, Patricia. (2008), “Favela é comunidade?”. In: MACHADO DA SILVA, Luis Antonio. (org.). *Vida sob cerco: Violência e rotina nas favelas do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, pp. 99-114.
- CALDEIRA, Teresa Pires do Rio. (2000), *Cidade de muros*. São Paulo, Editora 34/Edusp.
- CASTELLS, Manuel. ([1972] 2000), *A questão urbana*. Trad. Arlene Caetano. Rio de Janeiro, Paz e Terra.
- CAVALCANTI, Mariana. (2009), “Do barraco à casa: Tempo, espaço e valor(es) em uma favela consolidada”. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, São Paulo, 24 (69): 69-80.
- _____. (2010), “S/Morro, Varandão, Salão, 3Dorms: A construção social do valor em mercados imobiliários ‘liminares’”. *Antropolítica*, Niterói, 28: 19-46.
- DAMATTA, Roberto. (1997a), *Carnavais, malandros e heróis: Para uma sociologia do dilema brasileiro*. 1ª edição 1979. Rio de Janeiro, Rocco.
- _____. ([1985] 1997b), *A casa & a rua: Espaço, cidadania, mulher e morte no Brasil*. Rio de Janeiro, Rocco.
- DÖRING, Jörg & THIELMANN, Tristan (orgs.). (2008), *Spatial Turn: Das Raumparadigma in den Kultur- und Sozialwissenschaften*. Bielefeld, Transcript.
- DÜNNE, Jörg & GÜNDEL, Stephan (orgs.). (2006), *Raumtheorie*. Frankfurt a. M., Suhrkamp.
- FERNANDES, Florestan. (1959), *Fundamentos empíricos da explicação sociológica*. São Paulo, Companhia Editora Nacional.

- FREHSE, Fraya. (2011), *Ô da rua! O transeunte e o advento da modernidade em São Paulo*. São Paulo, Edusp.
- . (2012), “Urban Studies in/on Latin America in the 21st Century: Current State of Play and Future Perspectives”. *Iberoamericana*, Berlin, 45: 81-153.
- . (2013), “Os tempos (diferentes) das praças da Sé em Lisboa e São Paulo”. In: FORTUNA, Carlos & LEITE, Rogerio Proença (orgs.). *Diálogos urbanos: Territórios, culturas, patrimônios*. Coimbra, Almedina/CES, pp. 127-173.
- . (no prelo), “A rua no Brasil em questão (etnográfica)”. *Anuário Antropológico*, Brasília, 2013.
- & LEITE, Rogerio Proença. (2010), “Espaço urbano no Brasil”. In: MARTINS, Heloisa T. de Souza (org.). *Horizontes das Ciências Sociais (Sociologia)*. São Paulo, Anpocs/Barcarolla/Discurso Editorial/ICH, pp. 203-251.
- GIDDENS, Anthony. (2004), *A constituição da sociedade*. Trad. Alvaro Cabral. 1ª edição 1984. São Paulo, Martins Fontes.
- GÜNZEL, Stephan (org.). (2007), *Topologie*. Bielefeld, Transcript.
- (org.). (2009), *Raumwissenschaften*. Frankfurt a. M., Suhrkamp.
- (org.). (2010), *Raum*. Stuttgart/Weimar, Verlag J. B. Metzler.
- HOCHMAN, Gilberto (coord.). (2012), “Cartografias do rural no pensamento brasileiro”. Mesa-Redonda no 36º Encontro Anual da Anpocs.
- KÖSTER, Werner. (2002), *Die Rede über den “Raum”*. Heidelberg, Synchron.
- KOWARICK, Lúcio. (1979), *A espoliação urbana*. Rio de Janeiro, Paz e Terra.
- . (1987), *Trabalho e vadiagem*. São Paulo, Brasiliense.
- . (2000), *Escritos urbanos*. São Paulo, Editora 34.
- . (2009), *Viver em risco*. São Paulo, Editora 34.
- & MARQUES, Eduardo (orgs.). (2011), *São Paulo: novos percursos e atores*. São Paulo, Editora 34/CEM.
- LEFEBVRE, Henri. (1970), *Le manifeste différentialiste*. Paris, Gallimard.
- LEITE, Rogerio Proença. (2004), *Contrausos da cidade*. Campinas/Aracaju, Editora da Unicamp/Editora da UFS.
- LIMA, Nísia Trindade. (1999), *Um sertão chamado Brasil*. Rio de Janeiro, Revan.
- LÖW, Martina. (2001), *Raumsoziologie*. Frankfurt a. M., Suhrkamp.
- . (2009), *Soziologie der Städte*. Frankfurt a. M., Suhrkamp.
- MAIA, João Marcelo Ehlert. (2008), *A terra como invenção: O espaço no pensamento social brasileiro*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar.
- . (2012), *Estado, território e imaginação espacial*. Rio de Janeiro, FGV.
- & LIMA, Nísia Trindade (coords.). (2013), “Espaço e território no pensamento brasileiro: história, ciências sociais e questões de pesquisa”. Seminário Temático no 37º Encontro Anual da Anpocs.

- MARQUES, Eduardo. (2005), “Elementos conceituais da segregação, da pobreza urbana e da ação do Estado”. In: ——— & TORRES, Haroldo (orgs.). *São Paulo: Segregação, pobreza e desigualdades sociais*. São Paulo, Senac, pp. 19-56.
- . (2010), *Redes sociais, segregação e pobreza*. São Paulo, Editora da Unesp/CEM.
- & TORRES, Haroldo (orgs.). (2005), *São Paulo: Segregação, pobreza e desigualdades sociais*. São Paulo, Senac.
- PATRIOTA DE MOURA, Cristina. (2010), “Condomínios horizontais em Brasília: Elementos e composições”. *Antropolítica*, Niterói, 28: 47-68.
- . (2012), *Condomínios no Brasil central: expansão urbana e antropologia*. Brasília, Editora da UnB.
- SCHROER, Markus. (2006), *Räume, Orte, Grenzen*. Frankfurt a. M., Suhrkamp.
- . (2008), “Bringing Space Back In: Zur Relevanz des Raums als soziologischer Kategorie”. In: DÖRING, Jörg & THIELMANN, Tristan (orgs.). *Spatial Turn: Das Raumparadigma in den Kultur- und Sozialwissenschaften*. Bielefeld, Transcript, pp. 125-148.
- . (2009), “Materielle Formen des Sozialen: Die ‘Architektur der Gesellschaft’ aus Sicht der sozialen Morphologie”. In: FISCHER, Joachim & DELITZ, Heike (orgs.). *Die Architektur der Gesellschaft*. Bielefeld, Transcript, pp. 19-48.
- SOJA, Edward W. (1989), *Postmodern Geographies*. London/New York, Verso.
- . (1996), *Thirdspace*. London/New York, Blackwell.
- STURM, Gabriele. (2000), *Wege zum Raum*. Opladen, Leske + Budrich.
- TELLES, Vera da Silva. (2006), “Debates: a cidade como questão”. In: ——— & CABANES, Robert (orgs.). *Nas tramas da cidade*. São Paulo, Humanitas, pp. 35-64.
- . (2010), *A cidade nas fronteiras do legal e do ilegal*. Belo Horizonte, Argumentum.
- & CABANES, Robert (orgs.). (2006), *Nas tramas da cidade*. São Paulo, Humanitas.

Fraya Frehse é professora do Departamento de Sociologia da USP, onde coordena o Núcleo de Estudos e Pesquisas em Sociologia do Espaço (NEPSE), além de ser pesquisadora colaboradora do Núcleo de Apoio à Pesquisa “São Paulo: Cidade, Espaço, Memória” da USP (NAP-SP). É *alumna* da Alexander von Humboldt Foundation, à qual agradece pela bolsa de pós-doutorado que lhe permitiu aprofundar-se na sociologia alemã da cidade e do espaço durante o ano de 2010.
E-mail: fraya@usp.br.